

Figurações do tempo em *A Menina Morta*, de Cornélio Penna

Admarcio Rdrigues Machado¹⁰⁵

Resumo

A problemática do tempo parece crucial para pensar a ficção de Cornélio Penna. Em *A Menina Morta* (1954), percebe-se uma tensão entre ao menos três tempos: o tempo do escritor, que ele recusa como matéria de ficção, o tempo sobre o qual ele escreve (século XIX), e o tempo da narração. Sendo assim, sem pressupor que o escritor Cornélio Penna decalca a realidade objetiva do tempo histórico da escravidão, mas inventa figurativamente a memória desse tempo passado, o presente estudo objetiva expor o modo como o romancista dá representatividade ao tempo no livro *A Menina Morta*. Entendendo com Paul Ricoeur que “a função mimética das narrativas exerce-se de preferência no campo da ação e de seus valores *temporais*”, e que a invenção da intriga é o meio privilegiado pelo qual a voz narrativa reconfigura nossa experiência temporal confusa, objetivamos analisar a refiguração do tempo pela voz narrativa de *A menina morta*, em sua busca pela invenção da memória do passado. Para isso, inicialmente procedemos à reconstituição da fortuna crítica desse romance, com atenção especial a sua primeira recepção. Em seguida, confrontamos essa análise com o modo como o livro tem sido lido historicamente, buscando discutir em que medida as categorias analíticas da primeira recepção são aceitas ou recusadas pelas leituras mais recentes, e até que ponto tanto estas como aquelas *esclarecem limitando* a compreensão de *A Menina Morta*. No passo seguinte, recorreremos ao conceito *invenção* para confrontar as duas recepções anteriores. O principal suporte teórico dessa nossa investigação vem de Paul Ricoeur, em seu estudo *Tempo e Narrativa* (3 volumes), no qual ele cruza a fenomenologia do tempo descrita no *Livro XI* das *Confissões* de Santo Agostinho, com o conceito aristotélico de *intriga*. Desse cruzamento resulta um terceiro-tempo, tempo da ficção, que exige pressupostos específicos (como as categorias *autor*, *leitor*, *identidade narrativa*...).

Palavras-chave

Cornélio Penna; *Menina Morta*; Tempo; Invenção; Memória

105. Doutorando em Literatura Brasileira – USP. E-mail: admarcio_rodrigues@yahoo.com.br

Esta comunicação é fragmento de minha pesquisa de doutorado em andamento, que analisa as diversas temporalidades que entram em jogo na construção da memória do passado por meio da invenção no ato de elocução da voz que narra em *A Menina Morta*¹⁰⁶, de Cornélio Penna. A associação da invenção com os tempos em jogo nessa ficção é parte essencial do problema da forma romanesca. Assim, para analisar as figurações do tempo nesse romance, recorro - principalmente, mas não exclusivamente - aos conceitos *tecer da intriga*, *variações imaginativas*, *mímesis*, *autor*, *narrador*, *voz narrativa*, *leitor*, *personagens*, *tempo de narrar e tempo narrado*, tomando como fundamentação teórica *Tempo e Narrativa* de Paul Ricoeur¹⁰⁷.

Como é sabido, Ricoeur traduz o conceito *mythos* da *Poética* de Aristóteles¹⁰⁸ por *tecer da intriga*. Trata-se da disposição dos fatos ou das ações no momento da composição da narrativa. Como a proposta de Ricoeur é conjugar o *tecer da intriga* com o tempo, mas sabendo que Aristóteles não teoriza o tempo na *Poética*, ele busca em Agostinho os ditames para sua reflexão sobre “o tempo da alma” e “o tempo do mundo”. Assim, recuperando o conceito de *distentio animi*, a discordância dilacerante experimentada e teorizada por Santo Agostinho em relação ao tempo, Ricoeur propõe também que o *tecer da intriga* é uma operação de síntese que permite a expressão invertida desse conceito agostiniano¹⁰⁹. Aplicado como teoria da narrativa, o *tecer da intriga* opera uma concordância entre discordantes, fazendo caminhar juntos os elementos díspares do sujeito, da situação, de seus antecedentes e de suas consequências.

Pensando o *tecer da intriga* como uma operação lógica da disposição dos fatos, e não o seu caráter cronológico, Ricoeur faz a hipótese que a narrativa é uma operação que permite, por exemplo, abordar o tempo pelo lado da alma e pelo lado do movimento; ou seja, como prática em que a ordem lógica prevalece sobre a cronológica, o *tecer da intriga* possibilita ordenar ou bagunçar a relação tensa entre a consciência interna do tempo e a sucessão objetiva. Para provar essa tese, Ricoeur

106 PENNA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1958.

107 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* – tomo 2. (Trad. Marina Appenzeller). Campinas, SP: Papyrus, 1995.

108 ARISTÓTELES. *Poética*. (Trad. Eudoro de Souza). São Paulo: Abril Cultural, 1984 (col. *Os Pensadores*).

109 AGOSTINHO, Santo. *Confissões, Livro XI*. (Trad. J. Oliveira Santos, SJ, e A. Ambrósio de Pina, SJ). 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 207 – 231.

se embasa no livro IV da *Física*¹¹⁰ de Aristóteles, no qual este propõe que o tempo é relativo ao movimento, mas não se confunde com ele, contrapondo-o ao argumento agostiniano segundo o qual o tempo funda-se somente na distensão do espírito.

Aqui vale ressaltar que por operação lógica Ricoeur pretende afirmar o caráter arbitrário e artificioso da narração. O que promove o decoro do *tecer da intriga*, diz ele, são as necessidades internas da narrativa, fundamentalmente as leis de necessidade e verossimilhança. Em outras palavras, a disposição dos eventos na narrativa não segue simplesmente uma sucessão (em sentido cronológico) em que um evento segue outro...; em vez disso, é o resultado de um conjunto de procedimentos que articulam um evento *no outro*, com sentido, através do sentido, ou estabelecendo sentido nessa tessitura. A expressão do *mythos* se dá por técnica, artifício, sem acaso, e sim mediante encadeamento necessário. Daí o conceito *tecer da intriga*.

Pensado em relação à ficção de Cornélio Penna, especificamente no livro *A Menina Morta*, faço a hipótese que o conceito de *mythos* como *tecer da intriga* é uma ferramenta indispensável para discorrer sobre a operação lógica que permite ordenar o tempo nessa narrativa. Isto é, o *tecer da intriga*, associado ao tempo, permite captar a produção da versossimilhança, o efeito de ficção. Como são múltiplas as formas usadas para narrar o tempo, aqui me detenho em duas, *tempo do contar* e *tempo contado*, introduzidas por Gunther Müller e Gérard Genette, as quais Ricoeur retoma. De saída, vale lembrar que, embora busquem na distribuição entre *enunciação* e *enunciado* a chave de interpretação do tempo na ficção, Müller e Genette discordam quanto a relação entre *tempo da enunciação* e *tempo do enunciado*, na medida em que para Müller essa distinção ultrapassa o nível do discurso, remetendo a um mundo fora da narrativa, enquanto em Genette a distinção permanece nos limites do texto, “sem implicação mimética de qualquer espécie”¹¹¹. Por ora, refaço os passos de Genette, em função do pouco tempo que disponho para apresentar.

É lugar-comum pensar a narrativa como sucessão de eventos, comportando um *antes*, um *agora* e um *depois*, numa disposição cronológica. Seja pensada assim, seja entendida como *tecer da intriga*, conforme Ricoeur, a narrativa é um ato da inteligência inconcebível fora do fluxo do tempo. O discurso narrativo, que institui o

110 ARISTÓTELES *apud* RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa III*, p. 28.

111 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa II*, p.132.

universo diegético, existe também, como sequência mais ou menos extensa de enunciados, no plano da temporalidade (aliás, como qualquer texto literário). Também não é novidade que a prática narrativa supõe ao menos duas temporalidades, dois tempos: *o tempo da diegese* – ou *tempo da história narrada*, *tempo do significado narrativo*, “*erzälte Zeit*” – e *o tempo do discurso narrativo* – “*Erzählzeit*”, e as suas inter-relações constituem um dos problemas mais importantes do romance, quer sob o ponto de vista sintático, quer sob o ponto de vista pragmático-semântico.

O tempo da diegese, como é sabido, comporta um tempo objetivo, um tempo “público”, o da sucessão objetiva de que fala Aristóteles na *Física*, o tempo delimitado e caracterizado por indicadores estritamente cronológicos atinentes ao calendário do ano civil – anos, meses, dias, sem esquecer em certos casos as horas e os minutos – por informações relacionadas ainda com este calendário, mas apresentando sobretudo um significado cósmico – ritmo das estações, ritmo dos dias e das noites – por dados concernentes a uma determinada época histórica. No ato de elocução, este tempo diegético pode ser muito extenso - como em *A Montanha Mágica* de Thomas Mann – ou relativamente curto - como em *Ulisses* de James Joyce, cuja ação perfaz um só dia. Quer seja extenso, quer seja curto, é possível, em geral, medir com suficiente rigor o tempo objetivo da diegese.

Aplicada à ficção de Cornélio Penna, entendo com Luiz Costa Lima que essa construção temporal se permite captar por meio de duas passagens delimitadoras do *tempo narrado*, *tempo da ação primária*. A primeira é o momento em que o Comendador comunica o iminente regresso de sua filha Carlota da corte para a fazenda do Grotão. Cito:

- Meus amigos e parentes. Vou partir neste instante, ao encontro de minha filha e das pessoas de sua comitiva. Não sei quando estarei de volta, mas segundo novas notícias neste momento recebidas, ainda estão todos no ponto terminal da Estrada de Ferro de D. Pedro II, em Entre Rios. Penso pois que, dentro de três dias, estaremos aqui¹¹².

A referência à Estrada de Ferro é indispensável à interpretação de Costa Lima. Apoiando-se nas informações de Odilon Nogueira de Matos de que em 1867 essa linha férrea alcançara Entre Rios (atual Três Rios, divisa entre MG e RJ) e em 1871 chegara a Porto Novo do Cunha, Costa Lima lembra que Porto Novo era o nome do

112 PENNA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1958, cap. LV, p. 999. Doravante, *RC*, seguido do capítulo e da página.

espaço ficcionalizado vizinho à fazenda do Grotão no romance. A fazenda fica de um lado do rio Paraíba; Porto Novo, na outra margem. Assim, para que o cortejo fúnebre levando a “menina morta” chegasse a seu destino, os poucos acompanhantes, praticamente só mulheres, deviam efetuar uma “descida penosa para o rio, para atravessá-lo e alcançar então a outra margem, onde se erguia a vila de Porto Novo (...)”¹¹³. Assim, cruzando dados históricos com a ficção, Costa Lima entende ser inegável que, se a estrada férrea já tinha chegado a Entre Rios, mas não tinha alcançado ainda Porto Novo, a ação não poderia recuar a um marco anterior a 1867 nem ultrapassar o tempo limite de 1871. Recorrendo ainda a outros dados históricos (alforria dos escravos do Grotão antes de 1888 e apogeu da indústria cafeeira – de 1860 a 1880, segundo Canabrava, 1971: 91, *apud* Costa Lima), Costa Lima fixa o intervalo entre 1867 e 1871 como o marco temporal da ação de *A Menina Morta*, o “tempo narrado” nesse romance¹¹⁴.

Com Ricoeur sabemos que, em tensão com o *tempo da história narrada*, existe o *tempo do discurso narrativo*. Segundo esse crítico, se a vinculação do tempo da diegese a referenciais ligados ao tempo objetivo/cronológico (calendário, datas, etc.) facilita em certo sentido a fixação do *tempo narrado*, o *tempo do discurso narrativo* (tempo de narrar) é de difícil medição. Segundo ele, o que este tempo mede é “o número de páginas e de linhas da obra publicada”¹¹⁵. No caso de *A Menina Morta*, então, esse tempo seria delimitado pelas 567 páginas, tomando por referência a edição da Editora José Aguilar (1954). Mas a página é uma unidade variável, em função da mancha tipográfica e em função do tipo de letra; a página pode estar compactamente ocupada com enunciados ou pode apresentar numerosos espaços em branco. Outra maneira de supostamente medir o tempo da narração consiste em fazer coincidir o tempo da narrativa com o tempo que é necessário despender para a sua leitura. Contudo, o tempo exigido pela leitura de um texto varia de leitor para leitor, e nem sequer é constante no mesmo leitor. De modo que é impossível estabelecer um padrão ideal susceptível de normalizar, por assim dizer, essa velocidade de leitura...

No decorrer da comunicação, cruzando conceitos de Ricoeur e Genette, analisarei outras modalidades do tempo em *A Menina Morta*, aprofundando a

113 RC, VIII, p. 762.

114 LIMA, Luiz Costa. *O Romance em Cornélio Penna*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 101 – 102.

115 RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa II*, p.134.

problemática anunciada. Para isso, continuarei recorrendo à tipologia dos tempos da narrativa proposta por Genette, sobretudo para pensar a utilização da *prolepse* e *analepse* como técnicas narrativas aplicadas na composição da biografia do escravo Florêncio. Simultaneamente, analisarei também, de passagem, a figuração do tempo da instância narrativa e do tempo psicológico (*time in mind*), vinculando este à voz narrativa, num trecho do capítulo 1 do romance. E abordarei, também de passagem, a técnica da narrativa *in media res*, refletindo sobre o modo como a invenção opera deslocando essa técnica em *A Menina Morta*. E ainda, a elisão (*elipse*) como forma de representação da interdição da fala de Joviana, impedindo-a de contar a trama em torno da vida de Mariana e produzindo indeteminacões em Carlota e em nós, leitores. E a descrição aplicada a objetos, eventos e pessoas, como procedimento que permite a distensão do tempo de narrar...

Referências bibliográficas

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. (Trad. Ana Alencar). São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

LIMA, Luiz Costa. *O Romance em Cornélio Penna*. 2^a Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PENNA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1958.

RODRIGUES, André Luis. *Fraturas no Olhar: Realidade e Representação em Cornélio Penna*. Tese apresentada ao DLCV- USP, para obtenção do título de Doutor em Letras. 2006.

RUFINONI, Simone Rossinetti. *Favor e melancolia: estudo sobre “A Menina Morta”, de Cornélio Penna*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa – tomo 1*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. *Tempo e Narrativa – tomo 2*. (Trad. Marina Appenzeller). Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. *Tempo e Narrativa – tomo 3*. (Trad. Roberto Leal Ferreira). Campinas, SP: Papirus, 1997.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões, Livro XI*. (Trad. J. Oliveira Santos, SJ, e A. Ambrósio de Pina, SJ). 4^a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 207 – 231.

ARISTÓTELES. *Poética*. (Trad. Eudoro de Souza). São Paulo: Abril Cultural, 1984 (col. *Os Pensadores*).